Unifunec Científica Multidisciplinar
Edição Especial
ISSN 2763-5783
DOI: https://doi.org/10.24980/ucm.v15i18.7185

Carlos de Paula PORTELA*
https://orcid.org/0000-0001-8765-9681

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, PROFISSÕES E UNIVERSIDADE: POR QUE ESTE DEBATE IMPORTA?

Recebido em: 18 de março de 2026.
Aprovado em: 05 de agosto de 2026.

RESUMO

A inteligência artificial (IA) deixou de ser um assunto restrito à computação e passou a fazer parte de atividades profissionais, acadêmicas e institucionais. Hoje, está presente na pesquisa, no ensino, na organização do trabalho, na formação de competências e na tomada de decisões em diferentes áreas. Este artigo inaugura a Edição Especial "Inteligência Artificial: Tecnologias Emergentes e o Futuro das Profissões" e apresenta os principais temas que justificam sua criação. São discutidos os efeitos da IA sobre as profissões, a pesquisa científica e a educação superior, com atenção especial à qualificação profissional, à competitividade e à necessidade de atualização das instituições de ensino quanto a esse aspecto. O texto também considera a situação brasileira e a compara com movimentos internacionais de incorporação da IA à formação. No Brasil, já existem iniciativas importantes, mas permanecem diferenças de capacitação, infraestrutura e preparação institucional. A proposta da Edição Especial é reunir contribuições de várias áreas e estimular uma discussão responsável, crítica e próxima da realidade profissional e universitária.

Palavras-chave: inteligência artificial; profissões; competitividade; educação superior; pesquisa científica; qualificação profissional; tecnologias emergentes; multidisciplinaridade.

ARTIFICIAL INTELLIGENCE, PROFESSIONS, AND THE UNIVERSITY: WHY DOES THIS DEBATE MATTER?

ABSTRACT

Artificial intelligence (AI) is no longer a subject restricted to the field of computing and has become part of professional, academic, and institutional activities. Today, it is present in research, teaching, work organization, skills development, and decision-making across different fields. This article introduces the Special Issue "Artificial Intelligence: Emerging Technologies and the Future of Professions" and presents the main topics that justify its creation. The effects of AI on professions, scientific research, and higher education are discussed, with particular attention to professional qualifications, competitiveness, and the need for educational institutions to keep pace with developments in this area. The article also considers the Brazilian context and compares it with international trends in the integration of AI into education and training. Important initiatives are already underway in Brazil; however, disparities remain in terms of training, infrastructure, and institutional preparedness. The Special Issue aims to bring together contributions from different fields and foster a responsible and critical discussion grounded in the realities of professional and university contexts.

Keywords: artificial intelligence; professions; competitiveness; higher education; scientific research; professional qualifications; emerging technologies; multidisciplinarity.

* Doutor, Docente do Centro Universitário de Santa Fé do Sul, SP/BR – Unifunec. E-mail: cpportela@funecsantafe.edu.br

Unifunec Científica Multidisciplinar
Edição Especial
ISSN 2763-5783
DOI: https://doi.org/10.24980/ucm.v15i18.7185

1 INTRODUÇÃO

A inteligência artificial (IA) já não pode ser tratada como um tema periférico, restrito a especialistas em tecnologia ou a laboratórios altamente técnicos. Em pouco tempo, a IA passou a influenciar profissionais na tomada de decisões e a ampliar as possibilidades de atuação de pesquisadores, auxiliando na organização e na análise de informações. Esses e outros avanços têm levado as universidades a repensar a formação de seus estudantes diante de um mundo cada vez mais digital, dinâmico e orientado por dados.

A IA também deixou de pertencer a uma única área. Hoje, pode ser encontrada no tratamento de grandes volumes de informação, na automação de tarefas, no planejamento e em novas formas de interação entre pessoas e sistemas. Por esse motivo, a discussão já envolve saúde, educação, direito, gestão, agronegócio, comunicação, pesquisa científica e muitos outros campos (Gmyrek; Berg; Bescond, 2023; Green, 2024).

Essa mudança vai além da introdução de ferramentas novas. Ela interfere na maneira de trabalhar, pesquisar, ensinar e aprender. Dados e sistemas inteligentes passaram a ocupar espaço em atividades que antes dependiam quase exclusivamente de procedimentos tradicionais. Para instituições de ensino e pesquisa, acompanhar esse processo deixou de ser apenas uma opção de atualização tecnológica e passou a fazer parte do planejamento acadêmico.

O debate proposto neste artigo parte justamente desse ponto. Interessa entender o que a IA já oferece às profissões, à pesquisa e à educação superior, mas também o que sua presença exige de profissionais e instituições. A questão central não é decidir se a tecnologia chegará a esses ambientes. O desafio é incorporá-la com qualidade, senso crítico e responsabilidade.

A Edição Especial “Inteligência Artificial: Tecnologias Emergentes e o Futuro das Profissões” nasce nesse cenário. Este artigo apresenta os temas que orientam a proposta e explica por que eles merecem atenção agora. A finalidade é abrir espaço para trabalhos de diferentes áreas sobre aplicações, resultados, limites, riscos e efeitos da IA no mercado de trabalho, na pesquisa, na formação universitária e na organização das instituições.

Há uma razão prática para isso, pois a tecnologia costuma chegar às mãos de estudantes, professores, pesquisadores e profissionais antes que currículos e normas institucionais sejam atualizados. Esse descompasso cria um problema para as universidades. Elas precisam preparar seus estudantes para um ambiente de trabalho que muda rapidamente, sem transformar a

Unifunec Científica Multidisciplinar
Edição Especial
ISSN 2763-5783
DOI: https://doi.org/10.24980/ucm.v15i18.7185

formação universitária em treinamento de ferramentas e sem usar a cautela como justificativa para ignorar mudanças que já estão acontecendo.

2 UM TEMA QUE JÁ ATRAVESSA TODAS AS ÁREAS

A presença da IA nas profissões deixou de ser uma possibilidade distante. Em intensidades diferentes, ela já aparece em rotinas de trabalho, análise de informações, comunicação, organização de dados e apoio à tomada de decisões. Isso ocorre em áreas muito além da informática e da engenharia de software. A relevância da tecnologia depende, portanto, não só de seu desenvolvimento técnico, mas também da capacidade de cada setor de utilizá-la de maneira adequada (Gmyrek; Berg; Bescond, 2023; Green, 2024).

Na saúde, sistemas de IA já são estudados e utilizados no apoio à interpretação de exames, na organização de informações clínicas e na identificação de padrões. Na educação, aparecem na preparação de materiais, em atividades de aprendizagem e no apoio à organização e revisão de conteúdo. Direito, administração, comunicação e agronegócio também vêm incorporando recursos desse tipo para análise, planejamento e redução de tarefas repetitivas. O grau de adoção varia bastante entre áreas e instituições, e os benefícios dependem das condições concretas de uso (Thirunavukarasu *et al.*, 2023; World Health Organization, 2021).

Essa diferença entre áreas é importante. A IA não é incorporada da mesma maneira por um hospital, uma escola, um escritório de advocacia ou uma propriedade rural. Cada atividade possui objetivos, limites, linguagem e responsabilidades próprias. Por isso, discutir IA nas profissões exige olhar para os problemas reais de cada campo, e não apenas para a tecnologia.

A expansão da IA ainda aproxima áreas que antes trabalhavam de forma mais separada. Questões técnicas passam a envolver educação, ética, gestão e responsabilidade profissional. Da mesma forma, problemas tradicionalmente humanos ou organizacionais começam a receber apoio de ferramentas computacionais. Esse encontro entre conhecimentos diferentes amplia as

Unifunec Científica Multidisciplinar
Edição Especial
ISSN 2763-5783
DOI: https://doi.org/10.24980/ucm.v15i18.7185

possibilidades de pesquisa e de aplicação, mas também exige diálogo entre especialistas de formações distintas.

3 A IA COMO FERRAMENTA DE FORTALECIMENTO DAS PROFISSÕES

No trabalho, o interesse pela IA não se limita à automação. Em muitas situações, seu valor está em ajudar o profissional a analisar informações, organizar tarefas e responder a problemas com maior rapidez. Quando bem empregada, pode reduzir parte da carga operacional e deixar mais tempo para atividades que dependem de julgamento, experiência e responsabilidade técnica (Green, 2024; OECD, 2026).

Esse apoio assume formas diferentes. Algumas ferramentas ajudam a examinar grandes bases de dados ou identificar padrões; outras organizam fluxos de trabalho, apoiam atendimentos ou facilitam o acesso a informações relevantes. O resultado depende menos da presença da IA em si e mais da maneira pela qual ela é combinada com o conhecimento e a experiência de quem a utiliza.

Também existe um ganho possível de tempo. Tarefas repetitivas e instrumentais podem ser parcialmente automatizadas, permitindo que o profissional concentre esforço em decisões, criatividade, relacionamento e análise. Isso não acontece de maneira automática, nem significa que toda atividade humana possa ser transferida para sistemas inteligentes. O benefício aparece quando a tecnologia assume funções adequadas e o profissional continua responsável pelo resultado.

Por isso, a adoção produtiva da IA exige preparo. É preciso conhecer as possibilidades da ferramenta, entender seus limites e saber quando seus resultados precisam ser conferidos. O potencial é relevante, mas depende da qualidade do uso e da formação de quem utiliza esses recursos (Green, 2024; National Academies of Sciences, Engineering, and Medicine, 2025).

4 INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, QUALIFICAÇÃO E COMPETITIVIDADE PROFISSIONAL

À medida que a IA entra nas atividades produtivas, saber utilizá-la passa a integrar a qualificação profissional. Isso não significa que todos precisarão aprender programação ou desenvolver modelos. A OECD estima que menos de 1% dos trabalhadores necessitará de

Unifunec Científica Multidisciplinar
Edição Especial
ISSN 2763-5783
DOI: https://doi.org/10.24980/ucm.v15i18.7185

competências avançadas específicas em IA. Para a maioria, tornam-se mais importantes habilidades digitais, uso e interpretação de dados, resolução de problemas, criatividade, inovação e competências de gestão (OECD, 2026). O ponto principal é a combinação entre conhecimento da profissão e capacidade de utilizar novas ferramentas.

Essa combinação também afeta a competitividade. A OECD aponta a falta de competências entre as principais barreiras à adoção de IA pelas organizações. Em setores avaliados pela instituição, mais da metade dos empregadores que já utilizam IA relatou aumento da necessidade de trabalhadores altamente qualificados (OECD, 2026). A tecnologia, portanto, não torna a formação menos importante. Em muitos casos ocorre o contrário: cresce o valor do profissional que entende o problema, escolhe a ferramenta adequada, confere o resultado e sabe aplicá-lo à sua área.

Para o ensino superior, essa mudança tem efeito direto sobre a formação para o trabalho. Durante muito tempo, cursos profissionais puderam se apoiar em conjuntos relativamente estáveis de técnicas e procedimentos. Hoje, parte desse conhecimento se modifica em intervalos menores. Preparar um estudante para uma profissão também significa prepará-lo para continuar aprendendo depois da graduação. Nesse cenário, uma formação básica para o uso crítico da IA começa a ocupar papel semelhante ao que a informática e a internet passaram a ter nas décadas anteriores.

No Brasil, esse tema ganha peso adicional quando se pensa em produtividade e inovação (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos; Brasil, 2025). O Plano Brasileiro de Inteligência Artificial inclui formação e capacitação entre seus eixos e aponta desafios estruturais. O documento registra, por exemplo, que 15% dos graduados brasileiros estão em áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática e chama atenção para a demanda por profissionais de tecnologias da informação e comunicação (Brasil; Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2025). Isso não significa transformar todos os cursos em formações tecnológicas. Significa reconhecer que competências digitais e uso de IA também serão necessários em profissões fora da computação.

5 PESQUISA CIENTÍFICA: VELOCIDADE, ANÁLISE E NOVAS POSSIBILIDADES

Na pesquisa científica, a IA já vem sendo usada para organizar, explorar e comunicar conhecimento. O aumento da produção acadêmica e da quantidade de dados disponíveis torna

Unifunec Científica Multidisciplinar
Edição Especial
ISSN 2763-5783
DOI: https://doi.org/10.24980/ucm.v15i18.7185

esse apoio especialmente útil. Há aplicações na busca inicial de referências, na organização de materiais, na análise de dados e em etapas de redação e revisão científica (Brasil, A., 2025; Van Dis *et al.*, 2023).

Uma contribuição bastante prática está na redução do tempo gasto em tarefas instrumentais. Buscas preliminares, categorização de conteúdos, comparação de documentos e organização inicial de materiais podem ser aceleradas com ferramentas adequadas. Isso não dispensa leitura crítica, seleção de fontes ou fundamentação teórica. Apenas permite que parte do trabalho preparatório seja feita com maior rapidez (Van Dis *et al.*, 2023).

A IA também amplia algumas possibilidades de análise, sobretudo em pesquisas com grandes bases de dados, muitas variáveis ou padrões difíceis de identificar por métodos convencionais. Pode apoiar modelagens, visualizações e exploração de regularidades. Ao mesmo tempo, facilidade de processamento não garante melhor compreensão do fenômeno estudado; resultados continuam dependendo de método, interpretação e julgamento científico (Messeri; Crockett, 2024).

Na comunicação científica, ferramentas de IA podem auxiliar na organização de argumentos, revisão textual, síntese e adaptação da linguagem, desde que o pesquisador mantenha controle sobre o conteúdo e verifique o que foi produzido. A tecnologia também pode apoiar diferentes etapas da pesquisa, mas não substitui atividades centrais como formular perguntas, construir hipóteses, escolher métodos e interpretar resultados. Seu valor está, portanto, em ampliar a capacidade de pesquisa e comunicação dentro de métodos bem definidos, com verificação, transparência, rigor e responsabilidade intelectual (Messeri; Crockett, 2024; UNESCO, 2023; Van Dis *et al.*, 2023).

6 EDUCAÇÃO SUPERIOR E FORMAÇÃO EM IA: O DESAFIO BRASILEIRO

A educação superior tem responsabilidade especial diante da expansão da inteligência artificial. As universidades não apenas utilizam novas tecnologias, mas formam os profissionais que irão trabalhar com elas em diferentes áreas. Como os estudantes já recorrem a ferramentas de IA para buscar informações, escrever, organizar tarefas e estudar, não basta tratar essa realidade apenas como problema disciplinar. É necessário definir usos aceitáveis, ensinar

Unifunec Científica Multidisciplinar
Edição Especial
ISSN 2763-5783
DOI: https://doi.org/10.24980/ucm.v15i18.7185

critérios de verificação e mostrar em quais situações a tecnologia pode apoiar ou prejudicar a aprendizagem (Brasil, [2025]; Kasneci *et al.*, 2023; UNESCO, 2023).

A formação em IA, nesse contexto, não significa apenas ensinar ferramentas ou comandos. O estudante precisa aprender a avaliar respostas, reconhecer limitações, verificar informações e compreender riscos de uso. Isso exige professores preparados, regras institucionais claras e integração da tecnologia às particularidades de cada curso. No Brasil, o Conselho Nacional de Educação já reconhece a necessidade de diretrizes para o uso ético, seguro e eficaz da IA, enquanto documento preparado para a CAPES também discute oportunidades e desafios de sua utilização na pesquisa e na avaliação científica (Brasil, [2025]; Brasil, A., 2025).

A comparação internacional mostra que essa formação está avançando rapidamente. O AI Index 2026, da Universidade Stanford, informa que mais de 90% dos países oferecem ciência da computação em algum nível da educação básica, embora o ensino específico de IA ainda avance mais lentamente. China e Emirados Árabes Unidos adotaram exigências formais de educação em IA no ano letivo 2025/2026. A importância desse movimento não está apenas na criação de novas disciplinas, mas na incorporação gradual de conhecimentos sobre IA à formação dos estudantes. O contato organizado desde a educação básica pode facilitar o desenvolvimento posterior dessas habilidades em universidades e empresas e, com o tempo, influenciar diferenças de capital humano e capacidade de inovação entre países (Stanford Institute for Human-Centered Artificial Intelligence, 2026).

O Brasil, por sua vez, já apresenta utilização significativa da tecnologia, embora em condições desiguais. No TALIS 2024, 56% dos professores brasileiros pesquisados disseram ter utilizado IA no trabalho, acima da média de 36% da OECD. Entre os que não utilizaram a tecnologia, 64% apontaram falta de conhecimentos e competências e 60% relataram falta de infraestrutura nas escolas; na média da OECD, esse último percentual foi de 37% (OECD, 2025). Esses dados indicam que interesse e uso já existem, mas que capacitação e infraestrutura ainda constituem obstáculos importantes.

O Plano Brasileiro de Inteligência Artificial também inclui difusão, formação e capacitação entre suas prioridades (Brasil; Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2025). O desafio não é copiar outros países nem transformar todos os cursos em formações tecnológicas, mas evitar que a formação profissional brasileira se afaste das competências que começam a ganhar espaço em ambientes de trabalho e pesquisa internacionalmente conectados. A

Unifunec Científica Multidisciplinar
Edição Especial
ISSN 2763-5783
DOI: https://doi.org/10.24980/ucm.v15i18.7185

universidade pode contribuir oferecendo formação básica em IA discutindo suas aplicações em cada profissão e criando oportunidades de uso acadêmico orientado, sem permitir que a facilidade proporcionada pela tecnologia substitua o estudo, o conhecimento profissional e o pensamento crítico.

7 ÉTICA E SEGURANÇA SEM PARALISAR A INOVAÇÃO

O crescimento do uso de IA traz questões éticas e de segurança que não podem ser ignoradas. Proteção de dados, confiabilidade das informações, transparência, supervisão humana e responsabilidade pelos resultados são alguns dos temas que precisam acompanhar a adoção dessas ferramentas. Reconhecer esses riscos, no entanto, não exige tratar a tecnologia como ameaça permanente (Tabassi, 2023; World Health Organization, 2021).

O caminho mais razoável é combinar inovação com prudência. Instituições precisam definir critérios de uso, revisar práticas e acompanhar resultados. Regras claras podem aumentar a segurança sem impedir experiências úteis. Esse cuidado vale para o trabalho, para a pesquisa e para a educação superior (Tabassi, 2023).

Ética e segurança devem servir para melhorar a qualidade do uso da IA. O objetivo não é impedir a tecnologia por princípio, mas criar condições para utilizá-la com responsabilidade. Quanto maior o impacto de uma decisão apoiada por IA, maior deve ser a atenção à qualidade dos dados, à revisão humana e às consequências de um eventual erro (Tabassi, 2023).

8 POR QUE ESTE DEBATE PRECISA SER MULTIDISCIPLINAR

A IA não pertence a uma única profissão nem a um único campo científico. Seus efeitos envolvem tecnologia, educação, gestão, ética, economia e práticas profissionais. Por esse motivo, nenhuma área isolada consegue explicar todas as mudanças em curso. Um debate consistente precisa reunir conhecimentos e experiências diferentes.

Saúde, educação, direito, administração, ciências agrárias, engenharias e comunicação lidam com a mesma tecnologia a partir de problemas muito diferentes. Essa diversidade é útil

Unifunec Científica Multidisciplinar
Edição Especial
ISSN 2763-5783
DOI: https://doi.org/10.24980/ucm.v15i18.7185

e permite comparar experiências, identificar limites e perceber aplicações que poderiam passar despercebidas em uma discussão restrita à computação.

A abordagem multidisciplinar também evita dois extremos. De um lado, impede que a IA seja tratada apenas como assunto técnico e, de outro, reduz o risco de uma discussão genérica, sem ligação com problemas reais. Quando áreas diferentes apresentam seus próprios dados, casos e métodos, o debate ganha utilidade para a universidade e para as profissões.

Por essa razão, a multidisciplinaridade não aparece nesta Edição Especial apenas como escolha de organização; ela decorre do próprio tema. Os efeitos da IA sobre trabalho, formação universitária, pesquisa, saúde, gestão, direito, educação, engenharias e outras áreas são diferentes, e reunir trabalhos de vários campos permite observar essa transformação por diferentes perspectivas. Pretende-se acompanhar essa mudança enquanto ela acontece, reunindo evidências, experiências de aplicação, análises críticas e propostas que aproximem a discussão científica da realidade das profissões. Para uma instituição universitária do interior, participar desse debate também é uma forma de produzir conhecimento local, testar aplicações, formar profissionais para novas exigências e contribuir para que a discussão sobre IA não fique concentrada apenas nos grandes centros.

9 CONCLUSÃO

A inteligência artificial já faz parte do cotidiano de muitas atividades profissionais, científicas e universitárias. Seu avanço interessa a áreas que trabalham com informação, decisão, formação, análise e inovação, mesmo quando não têm relação direta com a computação. Conhecer suas possibilidades e seus limites tornou-se importante para instituições, pesquisadores, professores, estudantes e profissionais.

Este artigo procurou mostrar que a IA não deve ser recebida nem com entusiasmo sem crítica nem com rejeição automática. Há oportunidades de produtividade, organização e análise, mas também há exigências de formação, infraestrutura, ética e atualização institucional. No mercado de trabalho, saber utilizar IA de forma adequada tende a ganhar importância. Na universidade, o desafio é preparar o estudante para esse ambiente sem enfraquecer o conhecimento da profissão e o pensamento crítico.

Para o Brasil, o tema também envolve competitividade educacional, científica e econômica. Outros países já avançam na inclusão formal de conteúdos relacionados à IA,

Unifunec Científica Multidisciplinar
Edição Especial
ISSN 2763-5783
DOI: https://doi.org/10.24980/ucm.v15i18.7185

enquanto iniciativas brasileiras mostram que a tecnologia também está sendo adotada por aqui. O problema é que essa adoção ainda ocorre em condições desiguais. Investir em capacitação, infraestrutura e orientação institucional pode ajudar a transformar uso disperso em competência profissional e capacidade de inovação.

É com essa finalidade que este artigo inaugura a Edição Especial "Inteligência Artificial: Tecnologias Emergentes e o Futuro das Profissões". A proposta é criar um espaço para trabalhos de diferentes áreas e aproximar a discussão internacional da realidade brasileira e regional. A Edição Especial não pretende apresentar uma resposta única sobre a IA. Pretende reunir experiências, dados e análises que ajudem a comunidade acadêmica a compreender uma mudança que já está afetando o trabalho, a ciência e a educação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação; CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS. **IA para o bem de todos**: Plano Brasileiro de Inteligência Artificial. Brasília, DF: MCTI; CGEE, 2025. Disponível em: https://www.cgee.org.br/documents/10195/11009772/CGEE_PBIA.PDF.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Estudos sobre a utilização da inteligência artificial na educação**. Brasília, DF: MEC/CNE, [2025]. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/2025/Fevereiro%202025/texto-referencia-inteligencia-artificial.pdf.

BRASIL, A. **A inteligência artificial na pesquisa e fomento**: desafios e oportunidades. Brasília, DF: CAPES, 2025. (Texto para Discussão). Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/23042025_Relatorio_2575649_A_inteligencia_artificial_na_pesquisa_e_no_fomento.pdf.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS; BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Revista Observatório do Trabalho Brasileiro**. São Paulo: DIEESE; Brasília, DF: MTE, n. 4, nov. 2025. Disponível em: https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/onmt/pdf/revista-4_dieese_2025_final-web-1.pdf.

GMYREK, P.; BERG, J.; BESCOND, D. **Generative AI and jobs**: a global analysis of potential effects on job quantity and quality. Geneva: International Labour Organization, 2023. (ILO Working Paper, n. 96). Disponível em: https://doi.org/10.54394/FHEM8239.

GREEN, A. **Artificial intelligence and the changing demand for skills in the labour market**. Paris: OECD Publishing, 2024. (OECD Artificial Intelligence Papers, n. 14). Disponível em: https://doi.org/10.1787/88684e36-en.

Unifunec Científica Multidisciplinar
Edição Especial
ISSN 2763-5783
DOI: https://doi.org/10.24980/ucm.v15i18.7185

KASNECI, E. *et al.* ChatGPT for good? On opportunities and challenges of large language models for education. **Learning and Individual Differences**, Amsterdam, v. 103, art. 102274, Apr. 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.lindif.2023.102274.

MESSERI, L.; CROCKETT, M. J. Artificial intelligence and illusions of understanding in scientific research. **Nature**, London, v. 627, n. 8002, p. 49-58, Mar. 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1038/s41586-024-07146-0.

NATIONAL ACADEMIES OF SCIENCES, ENGINEERING, AND MEDICINE. **Artificial intelligence and the future of work**. Washington, DC: The National Academies Press, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.17226/27644.

OECD. **Results from TALIS 2024**: country notes: Brazil. Paris: OECD Publishing, 2025. Disponível em: https://www.oecd.org/en/publications/results-from-talis-2024-country-notes_e127f9e2-en/brazil_1e93d3b5-en.html.

OECD. **AI and skills**: what we know so far. Paris: OECD Publishing, 2026. Disponível em: https://doi.org/10.1787/f843b352-en.

STANFORD INSTITUTE FOR HUMAN-CENTERED ARTIFICIAL INTELLIGENCE. Education. In: STANFORD INSTITUTE FOR HUMAN-CENTERED ARTIFICIAL INTELLIGENCE. **The 2026 AI Index Report**. Stanford, CA: Stanford University, 2026. cap. 7. Disponível em: https://hai.stanford.edu/ai-index/2026-ai-index-report/education.

TABASSI, E. **Artificial Intelligence Risk Management Framework (AI RMF 1.0)**. Gaithersburg, MD: National Institute of Standards and Technology, 2023. (NIST AI 100-1). Disponível em: https://doi.org/10.6028/NIST.AI.100-1.

THIRUNAVUKARASU, A. J. *et al.* Large language models in medicine. **Nature Medicine**, New York, v. 29, n. 8, p. 1930-1940, Aug. 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1038/s41591-023-02448-8.

UNESCO. **Guidance for generative AI in education and research**. Paris: UNESCO, 2023. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386693.

VAN DIS, E. A. M. *et al.* ChatGPT: five priorities for research. **Nature**, London, v. 614, n. 7947, p. 224-226, Feb. 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1038/d41586-023-00288-7.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Ethics and governance of artificial intelligence for health**: WHO guidance. Geneva: World Health Organization, 2021. Disponível em: https://www.who.int/publications/i/item/9789240029200.